O TRABALHO DE CAMPO COMO UMA PROPOSTA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

CAMPOS, Rui Ribeiro de.
Graduado em Geografia, Mestre em Educação e Doutor em Geografia. Professor de Epistemologia da Geografia, Pensamento Geográfico Brasileiro e de Geografia Política na PUC-Campinas; e-mail: ruicampos@puc-campinas.edu.br

PLACIDO, Vera Lúcia dos Santos
Graduada, Mestre e Doutora em Geografia. Professora de Formação e Produção do Território Brasileiro; Organização e Produção do Espaço Brasileiro e de Projeto de Atuação em Ensino de Geografia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP – Brasil); e-mail: fgeo.veraplacido@puc-campinas.edu.br

Resumo
O texto expõe algumas mudanças no processo de educação, procura definir o uso que faz de conceitos como Estudo do Meio, Visita Técnica e Trabalho de Campo, para discutir este último. Relativo ao Trabalho de Campo propõe estratégias, cita exemplos de temas, examina os objetivos, as fases, as condições para a realização e como deve ser planejado e executado. Finaliza com proposições a respeito da utilização dos resultados e a avaliação. Ou seja, é uma discussão e uma proposta a respeito da importância do Trabalho de Campo para o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Trabalho de Campo – Geografia – Metodologia – Ensino

Abstract
This paper presents some changes in the education process and aims to define the use of concepts such as Environmental Study, Visit for Specific Purpose, Fieldwork, in order to examine the latter. Concerning the fieldwork, the text proposes strategies, shows examples of themes, discusses the objectives, the phases, the conditions to the accomplishment and the means for planning and carrying it out. The conclusion brings propositions for the use of the results and for evaluation. Therefore, it is presented an argumentation and a proposal about the importance of fieldwork to the teaching of Geography.

Keywords: Fieldwork – Geography – Methodology – Teaching

> "*Uma das tarefas dos geógrafos é mostrar que a geografia existe para ser apreciada. Muito freqüentemente temos sido mais bem sucedidos em obscurecer em vez de aumentar esse prazer*" (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 122)

Apresentação

As últimas décadas do século XX marcaram a história da humanidade dada às grandes transformações ocorridas em todas as esferas da sociedade. São mudanças estruturais que continuam acontecendo com grande velocidade na economia, na comunicação, nas práticas culturais, na ciência, nas artes e na vida social em geral. Em meio a esse turbilhão de acontecimentos, faz-se necessário pensar a prática e a teoria da educação, desenvolvendo projetos diferenciados que possam formar pessoas

(cons)cientes da complexidade da atual conjuntura, ou seja, sabedores da espacialidade das coisas e dos fenômenos que elas vivenciam.

A Geografia, enquanto disciplina escolar, assume um papel primordial nesta questão. No entanto, é preciso pensar a sua importância acompanhando o movimento da ciência, indicando novos conteúdos, reafirmando alguns, reatualizando outros, reinventando métodos convencionais, sem perder de vista os seus objetivos que, por si sós, já encaminham algumas reflexões sobre os conteúdos a serem trabalhados na sala de aula.

> Afinal, os conteúdos são instrumentos e a escolha desses instrumentos vai depender da sua utilidade para os alunos. Então o objetivo é o de formar raciocínio espacial, formar esses raciocínios é mais que localizar, é entender as determinações e implicações das localizações, e isso requer referências teóricos-conceituais. (CAVALCANTI, 2002, p. 14)

Além dos conteúdos estruturados a partir do próprio objeto de preocupação da ciência geográfica, destacam-se também nas propostas curriculares, tanto a nível federal, quanto do estado de São Paulo, os conteúdos procedimentais e valorativos, entendendo que o desenvolvimento do aluno na escola não se restringe apenas a sua dimensão cultural, inclui também as dimensões física, afetiva, social, estética e moral. Em outras palavras, cabe a Geografia instigar os alunos a compreender o espaço geográfico, desenvolvendo agucidade para observar as paisagens, discriminando seus elementos, além de tabular dados estatísticos e analisar o mapeamento de dados cartográficos. A cartografia deve ser entendida para além de um processo de alfabetização cartográfica inicial, ou seja, deve acompanhar toda a trajetória da formação dos alunos, não sendo meramente um conteúdo do ensino geográfico, mas uma habilidade adquirida e desenvolvida que nos ajuda a responder questões intrínsecas do espaço geográfico: “onde?”; “por que nesse lugar”?

Outra habilidade igualmente importante que aparece claramente nos tópicos da geografia escolar é a de viver cotidianamente na cidade, partindo do pressuposto de que viver nas cidades é praticamente uma experiência mundial; nos dizeres de Cavalcanti,

> [...] é um modo de vida social e espacial generalizado em nossa sociedade e que tem um grande impacto na vida das pessoas em geral. Seu tratamento no ensino de Geografia é, pois, bastante relevante quando se busca o desenvolvimento de raciocínio geográfico para o exercício da cidadania. (CAVALCANTI, 2002, p. 16)

Ou seja, formar para a cidadania é também explorar concepções, valores, comportamento dos alunos em relação ao espaço vivido, discutindo amplamente o direito à cidade.

Outro tema igualmente importante é a questão ambiental, indicada pelos Parâmetros Curriculares como transversal, ou melhor, sua discussão não se refere a um

conhecimento específico, mas precisa ser pensado no conjunto das disciplinas, sendo interdisciplinar na sua prática.

Esses temas apresentados indicam uma renovação no ensino de Geografia, no sentido de trazê-la para o cotidiano do aluno, tornando-os ativos no processo do aprender. Nesse sentido concordamos com Cavalcanti quando esta afirma que:

> [...] um dos modos da captar a Geografia do cotidiano pode ser o trabalho com as representações sociais dos alunos, e buscar essas representações tem se revelado um caminho com bons resultados para permitir o diálogo entre o racional e o emocional, o verbalizado e o não-verbalizado, entre a ciência e o senso comum, entre o concebido e o vivido. (CAVALCANTI, 2002, p. 19)

Sem dúvida, trata-se de um grande passo no ensino de Geografia, que implica na indicação de algumas atividades que aproximem professor e aluno, conhecimento e experiência, como os estudos de campo, por exemplo.

1. Definindo alguns conceitos

Os chamados Estudos do Meio começaram a se desenvolver de modo mais sistemático no Brasil no final dos anos cinquenta do século XX, quando foram instaladas as chamadas ”Escolas Experimentais”, inspiradas em princípios da Escola Nova, que desejavam integrar o aluno ao seu meio, no sentido piagetiano. Na década seguinte tiveram um destaque maior com sua aplicação nos Ginásios Vocacionais[1] e nos Colégios de Aplicação de diversas universidades. O termo possuía um significado específico, ou seja, na década de 1960 a proposta educacional era de aplicar métodos ativos, que permitissem uma aproximação entre os saberes fragmentados, chamando, na época, de integração e não interdisciplinaridade, como é conhecida nos dias atuais. O estudo do meio ganhou tamanha amplitude e importância que foi caracterizado por Magaldi (1965) com um duplo aspecto, como método e como fim em si mesmo. Pontuschka menciona suas palavras nesse sentido:

> Como fim, ele tem um valor essencialmente informativo, inestimável. As crianças e os jovens aprendem noções, incorporam conhecimentos geográficos, históricos, socioeconômicos, políticos, científicos, artísticos, todos como elementos da realidade viva que os cerca, ampliando e flexibilizando seu acervo cultural de forma direta, não livresca, através da experiência vivida, e como método, ele desenvolve o espírito de síntese, permite a criança aprender a observar, a descobrir, a documentar, a utilizar diferentes meios de expressão, a ligar-se ao seu meio mais próximo, mas também aos meios mais amplos de pátria e de civilização, a desenvolver a sensibilidade diante da natureza e das

[1] Em 1962 foram criados e instalados três Ginásios Vocacionais no estado de São Paulo (Americana, Batatais e no bairro Brooklin, na capital); em 1963 mais dois (Barretos e Rio Claro). Após o AI-5 (13/12/1969) foram descaracterizados.

> obras humanas, a captar a solidariedade universal dos fatos históricos, a criar suas consciências de responsabilidade, de forjar a idéia de participação. Seu valor altamente formativo, é indiscutível. (MAGALDI, 1965, *apud* PONTUSCHKA, 2005, p. 255)

A partir dos anos oitenta, estudo do meio passou a designar qualquer saída de um grupo de alunos da escola, incluindo aí visitas a *Playcenter* ou a *Shoppings*, sem a necessária reflexão das razões de sua prática. Desta maneira tem-se hoje uma verdadeira confusão a respeito de sua aplicabilidade e sentido. Há empresas que organizam, com seriedade, excursões culturais, ecológicas e estudos do meio para escolas particulares, com professores monitores presentes. Mas também há empresas interessadas tão somente nos lucros que esse tipo de trabalho pode oferecer.

O **Estudo do Meio** é muito mais do que isso; deve ser realizado por diversas disciplinas possibilitando superar o isolamento do conteúdo curricular, mas sem perder a especificidade de cada disciplina. Entretanto, hoje é difícil a realização de Estudo do Meio; ele exige uma escola que não existe comumente. Um verdadeiro não pode ser realizado somente em uma disciplina, pois, deste modo, será sempre de aspectos isolados desse meio. Ele exige, em primeiro lugar, a resposta a uma questão no próprio planejamento inicial: o que pretendemos fazer com nossos alunos? E as respostas têm que estar ligadas à formação das pessoas visando o desenvolvimento do raciocínio (através de processos de observação, análise, síntese e novas questões), a aprender e a utilizar métodos científicos, a propiciar treinos para a aquisição de independência intelectual e a "[...] *proporcionar condições para o desenvolvimento de sua capacidade de visualizar integradamente os fatos físicos, sociais, políticos, artísticos, etc, no contexto social*." (BALZAN, 1976, p. 130) Ou seja, primeiro é necessário que a escola – como um todo – defina com clareza o que deseja fazer no ato de educar. E "*Há claras dificuldades de praticar o holismo, na busca de compartilhar e promover uma visão integrada dos conhecimentos, influindo tanto na prática científica quanto no ensino*." (MARANDOLA JR.; LIMA, 2003, p. 175)

Mas como realizar Estudos do Meio[2] em escolas sucateadas, com algumas direções arbitrárias e burocráticas, com docentes que dão aulas em duas ou três escolas e que não possuem horas pagas para se reunir, com visões completamente diferentes sobre o ato de ensinar, mal pagos e sem condições de financiar qualquer saída a trabalho de seus alunos? Uma possibilidade seria a **Visita Técnica**: uma visita a uma empresa ou a uma instituição com o objetivo de conhecer seus procedimentos, as áreas em que atua.

---

[2] Sem a participação dos professores de outras áreas – e também da própria direção escolar – não é possível realizar um Estudo do Meio. É difícil realizar um estudo do meio sem apoio didático e material, sem professores disponíveis, sem alunos com condições de viajar.

Necessita de um contato prévio com as entidades e a definição das atividades. Normalmente ela é orientada pela entidade receptora; ela

> [...] se constitui numa estratégia de ensino utilizada para motivar, revisar ou iniciar novo conteúdo. Deve ser bem planejada, definindo com os alunos os objetivos da visita, os aspectos que deverão ser observados, as principais perguntas que devem ser formuladas, os resultados que deverão ser atingidos e a forma de relato dos resultados. (HENICKA, 2004, p. 15)

Ela deve ser feita quando possibilita a verificação da aplicação real ou do uso do conteúdo estudado. Também necessita de alguma avaliação que deve integrar o envolvimento e interesse dos alunos no planejamento e durante a visita. Além disso, integra-a a elaboração de um relatório e questões sobre o conteúdo apreendido. Portanto, também pressupõe relatório e integração com o conteúdo da disciplina. Se os objetivos não forem claramente definidos pode se transformar em perda de interesse ou somente em um passeio. Mas é menos integradora do que outras formas.

Outra modalidade é a realização, pela Geografia ou outra disciplina, do **Trabalho de Campo**. É uma oportunidade de pesquisa fora da sala de aula. Bem organizado, permite perceber a ação da sociedade no tempo e no espaço, e também que as pessoas se percebam como sujeitos. Propicia o contato direto do educando com o objeto de estudo, facilitando a consolidação do conhecimento. Ele pode ser uma forma de estudar a realidade se distanciando dos textos precários apresentados por alguns livros didáticos.

Por estas razões é que a proposta aqui colocada é de Trabalho de Campo, da busca de uma série de situações de aprendizado de temas abordados pela Geografia. Inicialmente para professores de Geografia, que devem ir chamando professores de outras áreas a colaborar e talvez, um dia, os docentes daquela escola possam realizar um verdadeiro Estudo do Meio.

O Trabalho de Campo é uma "[...] *metodologia orientada ao desenvolvimento do conhecimento e possibilidade de romper com o pensamento disciplinar e, consequentemente, trazer ao aluno uma visão integrada do espaço através da paisagem*." (MARANDOLA JR.; LIMA, 2003, p. 179) Ele também necessita de clareza com o que se pretende no ato de educar. Por isso, incluí-lo ou não depende do que o professor pretende com seu ensino. Se desejar um desenvolvimento mais amplo de seus alunos, se quer ir ensinando noções a respeito do processo de conhecimento, fará dele uma parte integrante do processo educativo. Além de ser – quando bem feito – algo que os alunos não irão esquecer, é uma atividade que se inicia na sala de aula, sai da mesma e para ela volta para a conclusão. É uma atividade curricular que deve estar prevista no Plano da Disciplina.

Um bom Trabalho de Campo exige o planejamento inicial (sua adequação ao conteúdo, as pessoas que participarão, em qual data, o que será feito antes com os alunos), a execução do mesmo (como e quando os alunos vão observar, anotar, realizar entrevistas, ter dúvidas etc.), a exploração posterior em sala de aula (retomada dos conteúdos visualizados, busca de respostas a novas questões, elaboração de painéis e de relatórios, entre outras atividades) e a avaliação dos resultados (na qual não se deve apegar somente ao relatório, mas também na participação efetiva e ativa dos discentes em todas as fases). Lembrar sempre que a finalidade desta técnica de estudo é para, principalmente, vivenciar o que já foi exposto em sala de aula, trabalhar com alguns valores de comportamento e aprofundar mais o tema. Não se deve levar alguém como um simples convidado. Seja ele professor, orientador ou funcionário da escola, também deve saber do que se trata e participar de outras atividades relacionadas a ele.

O Trabalho de Campo permite uma aproximação da teoria e da prática, ampliando a capacidade de observar, documentar, aprender e problematizar. No início, além de possibilitar a visualização do conteúdo tratado em sala de aula, pode aguçar a percepção do indivíduo sobre aspectos existentes na realidade. Permite ensinar o desenvolvimento da observação direta, o treinamento de registro de informações, a preparação, execução e seleção de depoimentos, o tratamento crítico das informações e outros. Possibilita desenvolver a capacidade de transferir o que aprendeu em uma situação para outras e o início do desenvolvimento da visão de totalidade do objeto, da fragmentação e da desfragmentação dos fatos.

Qualquer problema social existente envolve diversos aspectos e seu entendimento pleno só é possível quando se buscam as ligações existentes. É preciso obter a capacidade de observar, analisar, entender os fatos de maneira articulada; e estas são características que a ciência geográfica pode contribuir. É uma possibilidade de concretizar o olhar da Geografia sobre a realidade, de verificar a unidade/diversidade, a essência/aparência, o espaço/tempo. No trabalho se desenvolve a observação direta orientada, um olhar seletivo e com um propósito.

2. Exemplos de Temas de Trabalho de Campo

No entanto, é diferente a realização de um Trabalho de Campo no ensino fundamental e no ensino médio, além de dever ser adequado à realidade da escola. A partir da quarta ou quinta série do Ensino Fundamental pode ser feito, em primeiro lugar, na própria escola. Pode ser iniciado através de questões como: Por que a minha escola existe? Qual é o seu papel? Como é organizada? Onde realmente ela se situa? O campo

é a própria realidade que o aluno está vivenciando e que, na maioria das vezes, não conhece. O próprio estudo de sua organização escolar já o leva a dar seus primeiros passos rumo a algo mais científico.

Antes é necessário que a classe levante uma série de questões relativas à sua escola e planeje uma série de entrevistas, que deve ser feita por pequenos grupos, com o diretor, com alguns professores, com o pessoal de apoio administrativo, incluindo aí secretários, merendeiras e seguranças. Saindo da sala de aula – e pode ser durante o período de aulas – os alunos irão realizar as entrevistas que ficaram definidas para cada grupo. A volta à sala de aula terá, inicialmente, os relatórios orais das entrevistas e as dúvidas que foram levantadas. Depois, a realização de um desenho da própria escola, relacionando-a com o bairro e com a casa na qual o aluno mora.

Ou seja, uma das tarefas docentes é possibilitar que o aluno perceba que a escola na qual estuda se liga a diversas instituições. Daí fazer um levantamento sobre os locais de origem dos alunos e de seus pais – e tentar mapeá-los –, sobre as religiões professadas, sobre as funções dos organismos municipais, estaduais e federais, sobre os docentes que possui etc.

O meio para o trabalho de campo pode ser o lugar de vivência: o pátio da escola, o córrego que passa ao fundo, a rua da instituição, o bairro onde situa um parque florestal próximo, e outros. Não é preciso que seja distante; "[...] *basta que observemos à nossa volta para encontrar paisagens que podem ser exploradas para a construção de diferentes habilidades, conceitos e valores*." (MALYSZ, 2007, p. 172) Noção de escala, pontos cardeais, coordenadas, uso da bússola, podem ser estudados no pátio. "*Ao tomar o quarteirão da escola como objeto de investigação, a pesquisa da história de suas construções, das pessoas e das atividades econômicas, possibilitam-se a análise do uso do solo urbano e a leitura das mudanças e permanências naquele espaço*." (MALYSZ, 2007, p. 172)

Se no bairro existir feira semanal, esta permite compreender parte da relação entre a cidade e o campo, possibilita entrevistar feirantes e compradores, fazer um gráfico da circulação das mercadorias e outras atividades. O meio, o campo estudado, vai se tornando cada vez mais amplo.

Estes exemplos de locais de vivência como objeto de trabalho são principalmente no Ensino Fundamental, pois neste é mais difícil a locomoção para áreas mais distantes e, nesta fase, são necessárias experiências concretas para o início do processo de abstração. "*O primeiro passo da criança na Geografia está na percepção da vida que se agita à sua volta*." (NIDELCOFF, 1982, p. 12) As crianças já principiariam a perceber que aquilo que parece "natural" foi criado pelo homem; começam a encontrar elementos que

não visualizavam antes, a descobrir que a aparência nem sempre corresponde à essência dos fatos, e começam a ler melhor o mundo.

No Ensino Fundamental deve-se ter sempre presente que a escola oferece condições para a realização dos primeiros trabalhos de campo. Depois, pode-se estudar a própria origem e características dos frequentadores da escola e de seus pais; em seguida, o próprio bairro, com possibilidade de iniciar noções de cartografia – inclusive lendo o plano da cidade em uma planta, localizando o bairro onde mora e, mais tarde, vendo a carta topográfica da região onde a cidade se situa –, de estudar algumas características urbanas e noções ambientais básicas. Isto pode levar a um Estudo do Meio se diferentes áreas de ensino (como Comunicação e Expressão, Matemática, Ciências, História) participarem. É no ensino fundamental "[...] *onde surgem, de fato, as maiores possibilidades de se fazer observações 'in loco', uma vez que o professor encontra maiores possibilidades de 'sair' da sala de aula, pois, tem perto de si e tão acessíveis os locais a pesquisar*. (BALZAN, 1976, p. 132)

Para isso os docentes devem aproveitar os vários porquês que emanam das cabeças de seus alunos: por que há tantos shoppings nas rodovias que dão acesso à cidade? Por que tantos alunos vêm de outros bairros para a nossa escola? Por que a área industrial está localizada do outro lado da cidade?, entre muitos outros que devem ser investigados, buscando suas explicações, seja no interior da realidade escolar, seja em outras realidades.

Em séries posteriores o aluno deve ir elaborando desenhos das áreas estudadas para que possa identificar formas de relevo e até elaborar perfis topográficos. Entretanto, qualquer trabalho de campo necessita de uma seleção dos aspectos mais significativos. Deve-se sempre procurar uma amostra expressiva do que está sendo estudado. Se a turma estiver estudando processos de industrialização, talvez seja importante visitar um prédio que atualmente, no dizer de Milton Santos (1978), seja uma rugosidade, e uma indústria moderna. A rugosidade é um objeto geográfico instalado para realizar os objetivos de produção em um dado momento e que permanece na sua forma antiga de construção com novas funções, retratando o passado que possibilitou o período atual.

> As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão internacional do trabalho, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. [...] O modo de produção que, [...] cria formas espaciais fixas, pode desaparecer – e isto é freqüente – sem que tais formas fixas desapareçam. (SANTOS, 1978, p. 138)

Talvez seja possível estudar o processo de industrialização, explicar porque aquela indústria não existe mais, qual é a atual função do prédio, ir avançando no tempo para, junto à indústria existente, classificá-la conforme seu tipo, energia utilizada, origem do capital, seu sistema de recebimento de matérias-primas e distribuição de produtos, e outros. "*Para ensinar e aprender Geografia é importante estar sempre trabalhando com o espaço concreto, com a prática, para melhor assimilação do conteúdo e da realidade vivida*." (MALYSZ, 2007, p. 174). Ou seja, deve-se construir um diálogo com a paisagem geográfica, tornando a geografia viva na medida em que se percebem as relações existentes entre os fatos verificados e o cotidiano do aluno.

Para melhor entendimento, é necessária a busca da abordagem interdisciplinar, que é exigida pela própria complexidade do real. "*Os professores devem conduzir os alunos a realizar observações, levantar pontos polêmicos e ver possibilidades de integração de disciplinas visando aos conteúdos propostos.*" (ABDAL, 1996, p. 38) Não sendo possível realizar a abordagem interdisciplinar, cabe ao professor de Geografia, principalmente no ensino fundamental, tratar de aspectos de outras disciplinas, mas deixando claro que a abordagem ainda é parcial e que a diversidade de visões é fundamental. Ou seja, não perder a perspectiva da totalidade, deixando sempre esclarecido que o conhecimento não deve ser fragmentado. E sempre incentivar para a formulação de perguntas e para a procura (de sua parte e do educando) por respostas.

No Ensino Médio, momento em que a Geografia deve, acima de tudo, problematizar os conceitos apreendidos durante o ensino fundamental, os trabalhos de campo mais profundos vão provocar o levantamento de problemas não estudados, o que será importante para examinar novas pesquisas, novas leituras. Problemas levantados podem exigir, por parte dos alunos, a formulação de propostas de resolução. Por exemplo:

> De um mirante, com uma visão panorâmica da cidade, o professor pode iniciar questionando o que os alunos estão observando, como um primeiro contato com a paisagem. Caso as respostas estejam apenas nos prédios, nas casas, nos carros, nos *out-doors*, o professor pode indagar sobre o relevo, sobre a hidrografia, a vegetação, os animais, raciocinando até que ponto há a interdependência e como poderia ser descrita a paisagem urbana sem estes elementos. Pode-se mostrar também a influência direta, por exemplo, do despejo de esgoto e poluentes nos rios ou no desmatamento e reordenação da fauna e flora às atividades e construções urbanas. (MARANDOLA JR.; LIMA, 2003, p. 179)

Não somente isso; é significativo abordar quem é o responsável tanto pelos aspectos positivos quanto pelos negativos e também sobre o significado de tais ações.

Dada a dificuldade atual de realizar maiores deslocamentos, de estudar, por exemplo, o Pantanal Matogrossense ou as cidades do sul do Brasil, no próprio local onde

a maioria dos educandos vive é possível – no Ensino Médio – constatar fatos ou características referentes ao Brasil e ao Mundo. Uma sugestão: é possível o discente entender que o território é um conjunto formado pelos sistemas *naturais* e artificiais e pelas pessoas, instituições e empresas nele abrigadas. Que nele tudo é interdependente, onde o local, o nacional e o global se fundem.

Atualmente, nos arranjos espaciais, há pontos descontínuos, mas interligados, onde se admite dois recortes: as horizontalidades (*os processos diretos da produção*) e as verticalidades (*os processos de circulação*). As primeiras são "[...] *espaços contínuos, formados de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região.* [...] *Horizontalidades são áreas produtivas: regiões agrícolas, cidades, os conjuntos urbano-rurais.*" (SANTOS, 1994, p. 93) É o espaço da vida, o espaço banal, é o tempo lento dos que ali habitam. As verticalidades são "[...] *pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia*" (Ibidem), que dão conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo) e são os vetores de uma racionalidade superior, do discurso pragmático dos setores hegemônicos, o poder dos *de fora*. Em qualquer cidade média ou grande, não é difícil verificar as horizontalidades e as verticalidades.

3. Objetivos do Trabalho de Campo

Em relação aos objetivos de um trabalho de campo é preciso ter a clareza que se trata de um processo que se inicia na realidade imediata: abrir-se à realidade e observar a mesma. Ou seja, aprender a ver, "[...] *para em seguida estender seu olhar na direção de horizontes mais largos*." (NIDELCOFF, 1982, p.11). Partindo desse pressuposto, acreditamos que o grande objetivo deva ser:

- Incentivar o aluno a aprender a ver e, depois, analisar a realidade.

E ainda:

- Mobilizar as sensações e as percepções dos educandos para iniciar um processo de elaboração conceitual.
- Proporcionar condições para o desenvolvimento da capacidade de observar, entender e analisar a realidade que o envolve. Ou seja: "[...] *fomentar nas crianças uma atitude de curiosidade, observação e crítica diante da realidade*." (Ibidem)
- Em temas próximos, começar dos conhecimentos dos próprios alunos e, a partir daí, ir conduzindo-os à construção de conceitos.

- Demonstrar que nem tudo é o que aparenta ser; do mesmo modo, que a ciência não é sinônimo de verdade eterna, que há sempre possibilidade de conceitos novos, pois a realidade sempre muda.
- Possibilitar que vejam de modo diferente o que enxergam e que proponham soluções para os problemas vivenciados. Assim vai se criando condição para que, adultos, exerçam a cidadania.
- Colaborar para que descubram que a natureza está integrada ao social e que aspectos dela devem ser mantidos para que a sociedade viva melhor.

4. As fases de um Trabalho de Campo

Partindo desses objetivos principais, dentre outros que a unidade escolar possa definir de acordo com a sua realidade, o Trabalho de Campo deve ser bem planejado, obedecendo a diversas etapas. De início, não se esquecer de que é importante a feitura de uma **Circular aos Pais** – quando o trabalho é realizado fora da escola –, explicando os objetivos do estudo e solicitando sua colaboração em alertas quanto às atitudes de seus filhos.

Vale ressaltar que um Trabalho de Campo é uma atividade externa, que se inicia no planejamento escolar e na própria sala de aula; é nesta que ele também deve terminar. É uma vivência que deve fazer com que a maioria volte modificada.

É uma experiência mental, de organização do raciocínio e de aprendizagem para a realização de questões. Nele o aluno entra em contato com o espaço geográfico e também vai aprendendo cada vez mais a observar, sintetizar, perguntar. Não é um ato de contemplação, mas de inserção em uma realidade, para conhecê-la.

Para o docente, a realização de trabalhos de campo é importante, tanto pelas experiências quanto por sua visão ir se tornando mais integrada. Por essas razões, existem, em nossa opinião, algumas **condições para a realização** como:

- O professor necessita possuir um conhecimento adequado e satisfatório de sua disciplina;
- Deve saber a respeito dos objetivos da escola, do curso e da série em que está trabalhando;
- Que exista integração com a coordenação pedagógica do estabelecimento de ensino e que a direção não seja burocrática e autoritária;

- Um professor que exerce sua atividade em dois ou mais estabelecimentos terá dificuldades em preparar por estar envolvido com escolas com objetivos diferentes e ter pouco tempo disponível para realizar essas atividades.
- Deve motivar o estudo por parte dos alunos, demonstrar a importância do processo e dos passos que deverão ser seguidos, ser capaz de dividir de modo adequado as equipes e também de repartir as tarefas.

Ele não pode ser algo fora do conteúdo programático proposto. Ele se inicia na escolha – onde isso for possível – do conteúdo a ser trabalhado naquela série. Após a definição, deve-se verificar em qual momento ele precisará ser realizado, para que possa integrar, inclusive, a avaliação de cada aluno.

4.1. Planejamento do Trabalho

Desta forma, como planejar um trabalho de campo? É importante esclarecer os objetivos da atividade, escolher antecipadamente o material de apoio (GPS, altímetro, máquina fotográfica, vídeo ou outro equipamento), organizar um roteiro de observações, com os pontos de parada, além de um roteiro de entrevistas caso estejam previstas. É importante trabalhar com mapas, gráficos, textos e fotos. Verificar, no planejamento, a possibilidade de realizar o trabalho com outras disciplinas; assim, estará dando uma contribuição para o ensino em uma perspectiva interdisciplinar.

Em primeiro lugar, o professor deve visitar previamente o local a ser analisado e colher todas as informações possíveis (se for um Estudo do Meio, representantes docentes de todas as áreas envolvidas deverão visitar o local e, após isso, cada disciplina selecionará o que será estudado por ela). Aí planejar com a classe – explicando as razões – o que será estudado. Depois, fornecer alguns textos sobre os temas que deverão, no mínimo, ser lidos para o Trabalho de Campo. Elaborar um mapa da área a ser estudada, contendo aspectos que serão abordados. Além disso, agendar a visita ao local e providenciar o meio de transporte antecipadamente. Deixar claro que é um estudo fora da sala de aula e não um simples passeio.

É importante o professor decidir se exigirá relatório escrito deste estudo. Se optar por fazê-lo, deve no início dar suas características, seu peso na avaliação e se comprometer a ler e avaliar.

Próximo ao período da saída a campo é fundamental que o docente elabore, com a participação dos alunos, um **Código de Conduta**, que deverá ser totalmente respeitado (o desrespeito a essas normas deve levar à diminuição do valor da avaliação e até à

proibição da presença em outros trabalhos de campo). Um Código de Conduta pode ter, por exemplo, os seguintes critérios:

- ✓ Falar e ouvir na hora adequada, respeitando as outras pessoas.
- ✓ Ficar atento às explicações dadas.
- ✓ Participar com dúvidas e sugestões.
- ✓ Anotar o que é explicado e fotografar o que for mostrado.
- ✓ Não se dispersar do grupo.
- ✓ Desligar o telefone celular e não levar *ipods* ou aparelhos semelhantes.
- ✓ Não jogar nada para fora do ônibus, exceto em locais apropriados.
- ✓ Ser pontual.

Além deste código, é importante, principalmente em classes do Ensino Fundamental, estabelecer o que os alunos devem levar para os trabalhos. Como sugestão, alguns itens vão a seguir:

- ➢ Canetas e caderno para anotações
- ➢ Lanche leve
- ➢ Garrafa de água
- ➢ Máquina fotográfica e gravador (se alguém tiver)
- ➢ Protetor solar
- ➢ Ir de calça comprida (meninos e meninas)
- ➢ Utilizar tênis

4.2. A execução propriamente dita do trabalho de Campo

Durante a realização do trabalho de campo o próprio trajeto deve ser integrante das observações que serão anotadas pelos alunos. Por essa razão, todos devem levar seu caderno de anotações no campo. Se bem feito, os discentes vão observar com acuidade, comparar os fatos observados, anotar o essencial, realizar de modo adequado as entrevistas (quando previstas) e novas questões certamente surgirão. Em relação aos questionários e/ou entrevistas, se estas forem realizadas, é importante em um primeiro momento que os alunos possuam um questionário-guia (com problemas para resolver). Se o objetivo, nas séries intermediárias do Ensino Fundamental, é também colocar as crianças em contato com as pessoas com as quais convivem, uma forma é o estímulo

para a feitura de reportagens. Algumas destas podem fornecer dados sobre o povoamento do bairro ou – feita com uma pessoa que trabalha já há algum tempo em uma empresa – sobre as condições de trabalho, suas realizações e/ou frustrações. Tudo isto deve ser planejado, estabelecendo-se antes que tipo de pessoa deve ser entrevistada e de que modo: individual ou por equipes. Outra maneira é convidar algum tipo que se deseja entrevistar para ser interrogado por toda a classe em sala de aula.

Os questionários podem ser abertos (no qual a pergunta é formulada diretamente e respondida livremente) ou fechados (com alternativas para serem assinaladas). Os abertos possuem a vantagem de respeitar a liberdade do entrevistado, mas as respostas são mais difíceis de serem anotadas, tabuladas e classificadas. Já os fechados facilitam a tabulação, mas podem acabar sugerindo respostas.

De qualquer modo, as questões devem ser claras, precisas, sem o direcionamento das respostas e, principalmente no Ensino Fundamental, precisam ser breves. E ainda lembrar aos alunos que este tipo de amostragem não é muito válido do ponto de vista metodológico e que a intenção é somente introduzi-los em uma metodologia para averiguar a realidade. Os grupos, quando formados por elementos mais novos, necessitam ter um modelo para redigir essa "pesquisa" de opinião, devem agir de modo semelhante para permitir a comparação dos dados e já assumirem a responsabilidade de garantir o anonimato dos respondentes e respeitar as respostas dadas.

Fotografias devem ser tiradas de aspectos importantes do trabalho. Por isso, o professor deve chamar a atenção para a importância de determinados registros (escritos ou fotográficos), exigir o respeito às normas estabelecidas e à programação definida.

Os alunos necessitam sair sabendo o que devem fazer em cada situação. Cabe ao professor controlar o tempo, pois "*O controle do tempo a ser gasto em cada parada é que vai garantir a execução de todas as tarefas planejadas. O cumprimento do horário e de tarefas é indispensável*" (ABDAL, 1996, p. 39), garantindo a realização de todas as etapas planejadas e também das tarefas: observação, anotação, fotos, gravação, desenho, registro com instrumentos etc.

Estas atividades também supõem algum momento de lazer ou de descontração, mas isso só deve ocorrer após o cumprimento de todas as tarefas.

4.3. A exploração dos resultados e a avaliação

De volta à sala de aula, é necessário explorar o que foi visto e a riqueza das observações feitas pelos alunos. O objetivo é ver se o aluno identificou a variedade de aspectos que compõem a realidade. O normal é solicitar um **relatório escrito** – para isso, pedir a colaboração da área de Comunicação e Expressão –, com a inclusão de fotos

significativas tiradas pelos membros do grupo. Ele deve ser feito em ordem cronológica, com a descrição de todas as ações realizadas – inclusive com os horários. Isto permite que os alunos aprendam a se organizar, a colocar em ordem todas as suas anotações. Certas normas de elaboração de relatório, principalmente no Ensino Médio, devem ser colocadas antes da realização do Trabalho de Campo. Isto é importante para os discentes saberem que existem regras, para irem aprendendo a identificar um trabalho acadêmico e também a elaborar o que deverá ser feito em uma boa universidade. Daí a importância de iniciar o educando em formas corretas, como convém em textos científicos, de citações, ilustrações, plantas, mapas, fotos etc.

Na comunicação dos resultados, propor – quando for o caso – a utilização de diferentes linguagens, aí incluídas – além da escrita – a musical e a teatral. Se dividir a classe em grupos para a apresentação, sugere-se que façam painéis utilizando-se de texto escrito, desenhos, plantas e fotografias. Esboços e/ou desenhos, com a ajuda da área de Artes, também podem ser feitos.

Entretanto, o relato escrito não é tudo. É importante uma socialização dos resultados, a verificação dos fatos estudados e observados, a discussão de novas questões que surgirem e, após a devolução dos relatórios corrigidos, uma síntese dos conceitos mais importantes. A discussão geral possibilita a troca de percepções e as comparações com outras áreas; o trabalho pode gerar filmes, uma exposição de fotos na escola e outros procedimentos.

Sistematizar as informações, organizar os dados coletados, elaborar plantas, gráficos, croquis etc., analisar as entrevistas e elaborar a síntese, lembrando que a mesma não é a simples soma dos elementos.

Na **avaliação** o professor deve observar o respeito, por parte de seus alunos, do Código de Conduta durante o trabalho de campo, a leitura dos relatórios e os tipos de dúvidas e/ou questões trazidas por eles. Ou seja:

- ➔ que tipos de atitudes tiveram durante todo o processo?;
- ➔ as normas, por eles aceitas, foram respeitadas?;
- ➔ os alunos perceberam suas falhas?;
- ➔ e que conhecimento foi acrescentado?

É importante que os grupos façam uma auto-avaliação, destacando os aspectos positivos e negativos de suas atuações. Se o Trabalho de Campo é parte integrante do currículo escolar, necessita ser incluído no rendimento escolar de cada estudante.

5. O Trabalho de Campo em cursos noturnos

Cabe ainda mencionar a possibilidade de realização dos Trabalhos de Campo em cursos noturnos. Acreditamos ser muito difícil realizá-los com alunos do curso noturno que, durante o dia, exercem atividades remuneradas. Isso é muito comum no Ensino Médio. O período noturno dificulta qualquer trabalho que inclua a observação de aspectos da natureza já transformados. É possível a visita a um *shopping center*, mas nas cidades onde ele existe, a maioria já o visitou. Pode ser utilizado como referência em algumas análises.

A única possibilidade de realização é durante os finais de semana, mas isso também depende da boa vontade – e disponibilidade – tanto do professor quanto dos alunos, já que não se trata de um período letivo.

Sendo difícil de ser realizado, uma das possibilidades é a inclusão do mundo de experiências que ele vivencia no trabalho. Estas devem ser trazidas para a sala de aula, explorando-as ao máximo e relacionado-as ao conteúdo estudado.

Considerações Finais

No que se refere ao ensino de Geografia, estamos em um momento crucial: é preciso romper com o velho tradicionalismo (mesmo reconhecendo seus méritos), não a encarando como uma ciência de descrições apenas, mas compreendendo o espaço geográfico, suas organizações dinâmicas, suas contradições que criam e recriam suas condições de existência, jamais se distanciando da interação sociedade-natureza. Esta postura, exigência primeira dos docentes preocupados com a qualidade de ensino, se realiza na participação ativa dos alunos, considerando a percepção deles em relação à realidade que os envolve. Assim, cabe aos geógrafos retomarem o trabalho de campo, encarando-o como uma tarefa metodológica; é no envolvimento direto com o trabalho de campo, em todas as suas etapas, que o aluno concretizará o aprendizado, passando a entender as contradições e os processos de apropriação da natureza, bem como os vários interesses e agentes envolvidos.

Fica claro que a teoria depende da prática e se enriquece com ela, não podendo a Geografia se distanciar desta questão. Porém, o trabalho de campo não é uma simples saída da escola, como já salientado anteriormente; é mais que isso: ele toma sentido e forma quando completa a teoria, quando traz à tona elementos não identificados com facilidade, quando enriquece o conhecimento, tornando-o valorativo para a vida, em suas várias dimensões.

Escrito de outra forma: para o ensino de Geografia, um trabalho de campo dificilmente é específico, pois o espaço geográfico não deve ser visto de forma

fragmentada. É necessário ainda salientar que os trabalhos de campo dificilmente se esgotam em si mesmos. Eles nos abrem várias perspectivas e muitas reflexões, sendo duas evidentes: em um primeiro momento o professor que está disposto a desenvolver esses projetos deve estar disposto a apreender junto; como dizem Gilberto Dimenstein e Rubem Alves (2003), o não saber é o início da aprendizagem. O segundo motivo, ligado ao primeiro, nos indica que a interdisciplinaridade ocorre quando os saberes dialogam, como alertam os autores:

> [...] os saberes, entidades abstratas, só têm sentido quando ligados a um objeto. Em si mesmos, desligados de objetos, falta-lhes [sic] o poder de sedução. Um objeto ou um projeto é um lugar por onde cruzam os mais diferentes tipos de saber. Aqui acontece a interdisciplinaridade. (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 102),

Isso significa que um trabalho de campo bem realizado, preocupado não apenas com as questões organizativas, apresentadas nesse breve texto, mas também em aprimorar sua metodologia, abre a possibilidade de a escola ter projetos interdisciplinares, até que um dia ela possa realizar um verdadeiro Estudo do Meio.

Referências Bibliográficas

ABDAL, Rubens Gabriel. A metodologia do estudo do Meio. In: **Comemoração do Dia do Geógrafo e 40 Anos do Curso de Geografia da PUCCamp.** Campinas (SP): Departamento de Geografia da PUCCamp, 1996, p. 35-42.

BALZAN, Newton César. Estudo do Meio. In: CASTRO, Amélia Rodrigues *et alii*. **Didática para a escola de 1º e 2º graus.** 4ª ed. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL, 1976, p. 129-139.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. 7ª ed. Campinas (SP): Papirus, 2003.

HENICKA, Hanelore. **Técnicas Diversificadas de Ensino.** Camboriú (SC): Universidade do Vale do Itajaí, 2004.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do Meio. In: PASSINI, Elza Yasuko *et alii* (orgs.). **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007, p. 171-177.

MARANDOLA JR, Eduardo; LIMA, André de. Trabalho de campo e paisagem: multidimensão e possibilidades metodológicas. **Ciência geográfica**. Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Local: Bauru (SP), a. IX, v. IX (2), mai./ago. 2003, p. 174-180.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade.** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William (org.) **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas (SP): Papirus, 2004, p. 249-288

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.

_____. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.